
RESENHA

UMA ESTRANHA COBERTURA
Uma resenha de *O Dossel Sagrado* de Peter Berger

BERGER, Peter Ludwig. *O Dossel Sagrado – Elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985, 195 pp

Gladson Pereira da Cunha*

O clássico, conforme definido por Aurélio Buarque de Holanda, como algo “cujo valor foi posto à prova do tempo, se tornou modelo digno de imitação, modelar [para novos estudos ou trabalho]”,¹ o *Dossel Sagrado* é uma dessas obras que se enquadra entre os clássicos, tanto pela sua originalidade em abordar o assunto como pela voracidade pela qual ela é referenciada.

Formado em sociologia pela New School for Social Research, em Nova York, lecionou na Georgia University, North Caroline University, retornando à New School for Social Research, como professor, além de ensinar sociologia e teologia na Escola de Teologia da Universidade de Boston, o vienense de nascimento, americano pela imigração, Peter L. Berger, nascido em 17 de março de 1929, cuja área de ação docente abrangeu desde a sociologia, passando pela economia e até a teologia, foi e tem sido um desses poucos e multifacetados intelectuais do século XX.²

Apontando para a supra-realidade que pelo seu caráter sagrado envolve, acolhe, protege e ornamenta – enquanto se considerar “*ornare*”, “o por em ordem”, e tal ordem contrária ao caos – as construções sociais, o título *Dossel Sagrado* descreve o fato religioso como um importante elemento social. A obra está dividida em dois grupos de

* Doutorando em Teologia com concentração em Sistemático-Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Mestre em Ciências da Religião e graduado em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Professor de Hebraico Instrumental da graduação em Teologia da Escola de Ensino Superior FABRA, em Serra, Espírito Santo.

E-mail: gladsoncunha@gmail.com

¹ Vb. *Clássico* In: FERREIRA, Aurélio Buarque Holanda (ed.). *Dicionário Século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1999 (Software, v.3.0).

² Ibid.

elementos que formam a teoria social da religião: os *elementos sistemáticos* e os *elementos históricos*. Por estes elementos, a religião ou sentimento religioso, considerando que algumas expressões religiosas podem encontrar paralelos arreligiosos, constrói, legitima e controla a sociedade, dando-lhe significado (p.42).

Se a sociedade é uma construção humana e necessita de um processo para estabelecer os padrões de socialização, a religião, segundo Berger, terá uma grande função nesta construção humana, embora não seja o único fator legitimador (p.45). Percebe-se na argumentação bergeriana deve ficar bem entendido a distinção entre o sagrado e o religioso, sendo a primeira, a separação do cosmo, e a última a “cosmização do sagrado”.³ A religião bergeriana, portanto, não deve ser compreendida no campo da experiência religiosa de caráter subjetivo, mas como a expressão do sentimento religioso coletivo, de modo, que o sagrado age por meio da religião, imprimindo o caráter organizador ao cosmo.⁴

A legitimação da coerência entre as percepções existenciais do mal em oposição da metafísica, transcendental e infinita bondade da divindade, o que Leibniz chama de *teodicéia*, e que Berger toma emprestado no argumento do seu terceiro capítulo. Invariavelmente, para Berger, a teodicéia pode limites sociais nas relações rico-pobre, senhor-escravo, etc., sendo que as mesmas apontam deste a inserção no UNO existência, das religiões primitivas, até os meandros do messianismo-milenarista, das religiões monoteístas. Em todas, a noção de abnegação pressupõe a teodicéia. Assim, a *anômia* do caos é socialmente harmonizada.

Além de harmonizar o caos da existência, o autor não se omite em apresentar o aspecto alienante da religião no âmbito social. O indivíduo bergeriano é aquele, na síntese entre a objetivação do mundo real e externo e a interiorização da realidade do mesmo, possui sua consciência duplicada (p.95). Tal duplicação dialeticamente constituída da aceitação da realidade e por outro lado da negação da mesma, reciprocamente ativa. Quando essa reciprocidade dialética é rompida, surge o alienado. A religião, através da experiência com o *sagrado*, cria e interioriza a realidade, mistificando seus elementos, e em sua função legitimadora atribui qualidades sagradas

³ FILORAMO, Giovanni, PRANDI, Carlo. *As ciências da religião*. São Paulo: Editora Paulus, 2007, p.137

⁴ Ibid., p.137-8

ao mundo, que empiricamente não dispõe de tais valores. Assim, desde a política até à sexualidade são envolvidas pelo dossel.⁵

Na segunda parte da sua obra, Berger propõe, munido das perspectivas anteriormente trabalhadas, a tentativa de “*ver a situação religiosa contemporânea a partir da posição favorável propiciada por [essa] perspectiva teórica*” (p.117). A primeira situação avaliada por Berger é a secularização, que “*é o processo pelo qual os setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos*” (p.119). A percepção bergeriana do protestantismo é amplamente pessimista, embora não desprovida de sentido, sendo o mesmo “o prelúdio” para a secularização do ocidente, uma vez que se despiu de todos os elementos misteriosos, miraculosos e mágicos, que envolviam o antigo cristianismo (p.124-125). Gay, resenhando Berger, corrobora com este último afirmando que, ao desmistificar o mundo católico, o protestantismo criou um mundo mais racional e individualizado, tornando-se um cristianismo marginal numa sociedade plural.⁶ Algo que pode ser visto no protestantismo histórico, uma vez que o pentecostalismo tem recuperado aqueles elementos, reinserindo-os no contexto atual. Contudo, as portas para o estabelecimento dos princípios seculares estão irremediavelmente abertas pelas mãos do protestantismo.

Prosseguindo em sua análise das conseqüências da secularização no meio religioso, Berger considera que a perda da plausibilidade das definições religiosas foi um desastre, tanto subjetiva como objetivamente. E como a secularização é a sepultura que a própria religião bíblica abriu para si mesma, a sua falta de plausibilidade começa por aí. A secularização dos meios de produção desencadeou a perda da tutela do Estado que antes protegia a religião, mas também este fato contribuiu para a formação do *estado laico e religiosamente plural*, fazendo do cristianismo, por exemplo, uma entre tantas religiões, as quais gozam da mesma contingência estatal. A conclusão que Berger chega não pode ser outra se não: se há uma pluralidade religiosa legitimadora da realidade, e nessa pluralidade há a divergência e oposição, como pode ser possível a religião apresentar ao homem moderno uma estrutura plausível para a realidade?

A percepção negativa e pessimista de Berger quanto ao protestantismo é revista no último capítulo da sua obra. A inevitabilidade da secularização e a perda da

⁵ GAY, Craig M. *Christian Faith and Practice in a (Post)Modern World*. Disponível em: <<http://pewforum.org/events/index.php?EventID=136>>. Acesso em 2 de abril de 2008

plausibilidade ante as necessidades sociais ocasionaram o pluralismo religioso, principalmente no meio protestante, tanto no pietismo como no advento do liberalismo teológico, filho tardio do iluminismo. Toda legitimação, afirma Berger, era inerente ao *Sitz im Leben*, portanto relativo ao seu período histórico (p.172-3). Assim, todos os caminhos da religiosidade humana descambariam no secular e no plural indicado pelo protestante da cristandade. O relativismo bergeriano quanto à legitimação religiosa em seu tempo é “absoluto”: o mundo dependerá de outros elementos de legitimação que não a religião. Gay aponta para uma “metodologia social atea” como saída para Berger, o que parece ser inevitável.⁷

Do ponto de vista literário, algo muito próprio de vários escritores anglo-alemães, com que o recenseur tem tido contato, a leitura de Berger não é uma das mais fáceis. Um texto um tanto seco, de articulação truncada e o uso de uma variedade de termos técnico, sem o devido esclarecimento numa lista inicial ou numa nota do próprio tradutor, o que poderia facilitar a leitura. A editora perde, uma vez que pressupõe que o seu leitor tenha um prévio e amplo arcabouço de conhecimento para compreensão dos “*ipso facto*” e dos “*vis-à-vis*”; se tal situação gera constrangimento para pós-graduandos, como será, então, para os não-iniciados?

Outro detalhe que pode ser considerado na edição da obra é a ausência de informações acerca do autor, sua vida e obra; algo que evidentemente parece ser desnecessário para um pequeno grupo, no entanto, é muito útil para os que dão os seus primeiros passos pela obra de Berger, o que também vale para outras tantas obras.

Diante deste estranho dossel, cuja sacralidade e brilho é perdido diariamente, o homem, que já ultrapassou a modernidade, possui uma difícil tarefa: reconstruir a realidade. Na concepção de Berger, a proteção do sagrado se foi, mesmo que haja alguns lampejos na “religiosidade privada”. A bem da verdade, Berger tira o dossel de sobre o mundo e o chama a uma resposta à sua nova realidade. Resposta que, aliás, sequer intenta, dado abrupto encerramento de sua obra. O que ele deixa claro é: não há mais nada lá fora que proteja a estrutura social humana.

⁶ Ibid.

⁷ Ibid.